

## A RODOVIÁRIA

No final dos anos 70, o professor e escritor Luiz Cruz ainda era bancário em Franca, trabalhava no Banco do Brasil. Mas já pensava em sair para fazer o que gosta, lecionar e escrever, o que só ocorreu anos depois no célebre episódio em que, ao sair pela última vez da agência onde trabalhava no centro da cidade após a aposentadoria, tirou a roupa e queimou os trajes em que era obrigado a trabalhar, que incluíam uma gravata.

Foi pensando nisso que comprou um terreno no centro da cidade à Rua Estevão Leão Bourroul e contratou o engenheiro José Ricardo Gilberti para construir um pequeno prédio de dois andares, o térreo destinado à sala de aulas e o pavimento superior a sua moradia. O projeto do apartamento era *sui generis* e a cara do morador: uma longa escada dava acesso a uma grande sala, que dividia um dormitório e sanitário e do outro lado, área de serviço e cozinha, onde a qualquer momento havia uma garrafa térmica cheia de café quente, prazer do morador.

Não havia nada de especial em sua arquitetura. Mas o endereço tornou-se célebre pelas atividades promovidas pelo professor. As reuniões do grupo de literatura “Veredas” comandadas por Cruz e sua fiel escudeira Regina Bastianini eram realizadas ali, incluindo debates com a presença de escritores, muitos dos participantes acabaram publicando livros autorais. Além das aulas de português e literatura para numerosas turmas do curso que leva seu nome, o lugar servia também para reuniões na efervescente política local daquele início dos anos 80 ainda sob a ditadura, era uma espécie de núcleo de base do PT.

Em torno do Cruz gravitavam muitos ativistas políticos do PT (e até de outros partidos), o professor tornou-se uma das principais lideranças do partido que se dividia internamente em vários grupos ligados ao sindicalismo, à igreja católica, movimentos sociais de bairro e de classe média. Não foi à toa que Cruz por duas vezes candidatou-se a prefeito pelo PT com expressivas votações que possibilitaram ao partido adquirir musculatura política, eleger vereadores e em 1996 finalmente chegar à Prefeitura de Franca com Gilmar Dominici.

O prédio tinha uma característica: estava sempre aberto, era uma espécie de “rodoviária” como ele mesmo dizia, era gente entrando e saindo o dia todo, filando café, fumando e conversando fiado em qualquer horário, o morador não tinha privacidade alguma em casa. O artista Salles Dounner deixava cair cinzas de cigarro no chão e brigava quando Cruz tentava limpar. Até o dia em que Cruz, um dos sujeitos mais pacientes e estoicos que conheço, perdeu a paciência. Eram três horas da madrugada e o professor foi acordado por alguém que gritava do portão, reclamando que estava trancado. Um Cruz irritado abriu a janela do quarto no pavimento superior onde dormia para perguntar o que era aquilo. O sujeito, com umas “brejas” a mais na cabeça, queria que fossem ao teatro municipal para mostrar uma peça que estava ensaiando. Cruz perguntou: “mas às três da madrugada? Eu tenho as chaves”, respondeu o sujeito. Foi mandado para aquele lugar. A dúvida é se essa “rodoviária” pode ser tombada como patrimônio histórico da cidade.

Mauro Ferreira é arquiteto